

# UM PIXO NA PAREDE JÁ DEFENDE ALGUM DIREITO: juventudes urbanas em movimento

**Felipe Treviso Bresolin<sup>1</sup>**  
**Alisson Souza Corrêa**  
**Kristopher Machado Marques**  
**Vânia Alves Matins Chaigar**

## Resumo

O artigo versa sobre uma investigação que toma como sujeitos jovens pixadores e sua relação com a cidade. A mesma teve origem em um projeto de ensino na disciplina de didática no curso licenciatura em história, com o objetivo de aproximar licenciandos de espaços-tempos para ensinar e aprender história no solo da cidade. A pesquisa mobilizou um grupo de estudantes ligados a movimentos sociais e militantes em direção ao pixo. Entrevistas e registros fílmicos, feitos com celulares, resultaram primeiramente em um teaser que foi compartilhado com a turma, mas os materiais empíricos reunidos são fontes para especulações e análises que ainda estão se processando. Destacamos que as juventudes para as quais dirigimos olhares reconhecem o espaço de subalteridade a que foram lançados e o pixador representa uma forma de manifestação dessas juventudes, em busca de subverter o que está posto e uma reação ao *modus operandi* da organização capitalista.

Palavras-chave: cidade, juventudes, pixo.

## Abstract

The article refers about an investigation that take as subjects young graffiti writers and their relationship with the city. The same was originated in a teaching project in didactic discipline of the History Degree Course, with the objective to approach graduates students of spaces – times in order to teach and learning history in the city soil. The research mobilized a group of students linked to social and militants movements towards the graffiti spray. Interviews and film register, made with cell phones, resulted first of all in a teaser that was shared with the class, but the collected empirical materials are sources to speculation and analysis that are still being processed. We highlight that the youths to whom we direct looks recognize the space of subalternity that were launched and the urban spray graffiti represents a way of this youths manifestation, looking for subvert what is posted for them end a reaction to against *modus operandi* of capitalist organization.

Keywords: city, youths, spray graffiti.

*Reivindicamos a cidade que respeite os artistas de verdade  
Do MC ao hippie, acrobata na avenida  
Cuspindo fogo, não é fácil ganhar a vida  
Essa é a essência do pixo ter resistido  
A real street art que dá voz ao oprimido  
E se tu quiser saber que arte é essa que domina  
Na cidade, é só parar um pouco e olhar para cima.*

*Música: Meus amigos pixadores.  
Artista: FBC (Filho Bastardo do Caos).*

O ano é dois mil e dezoito no calendário gregoriano, a turma o terceiro semestre da licenciatura em história, a disciplina é didática. Estamos na porção sul do hemisfério sul, *centro de uma outra história*, como raciocina Ramil<sup>2</sup>, um campus universitário, múltiplas faces e infinitas peculiaridades nos habitam. Em meio aos solavancos do contexto histórico do qual a professora e os licenciandos fazem parte, tentamos significar o que denominamos ensino e aprendizagem. Conceitos viscosos, complexos, difíceis de aprisionar em uma direção única, posto circularem e envolverem campos como a psicologia, neurociência, pedagogia, sociologia.

Tateamos com nossas inteligências e intencionalidades aproximações e vivências que se despreguem das ricas culturas evidenciadas na sala de aula. Olhares que expressam a si, os seus e falam por outros tantos, mesmo que deles (quase) nada saibamos. São invisibilizados isso bem o reconhecemos um pouco envergonhados, posto os sistemáticos *epistemicídios* (SOUSA SANTOS, 1996) e subordinações epistêmicas a que têm sido submetidas parcelas significativas de culturas sob o peso de *colonialidades do poder* (QUIJANO, 2009) que tudo rejeitam se representam outras epistemologias e/ou que não se colocam a serviço de propósitos alhures. A escritora nigeriana Chimamanda Adichie alerta que versões únicas sobre a história criam estereótipos, e *o problema não é que eles sejam mentiras, mas que eles são incompletos*<sup>3</sup>.

Da leva de estudantes chegados à universidade pós Enem, inteligências *escondidas*, culturas subalternas, conhecimentos desafinados do senso comum da ciência dos doutos, da empoeirada produção que subjazem gavetas e/ou que destoam dos parâmetros quantitativos e elitistas de uma ciência oficial, passam a nos ser ofertadas generosamente por essas novas juventudes. Provocam-nos e desafiam-nos a ver para além de nossos construtos (armários epistemológicos?) ou sair da *cegueira branca*<sup>4</sup> em que fomos lançados faz tempo.

É o escritor português José Saramago que em *Ensaio sobre a cegueira* distingue ver de reparar. Reparar é um movimento que tira da indiferença, portanto é mais profundo. Talvez, o que em outra perspectiva, esteja presente na afirmação *o olhar nos compromete* (GADOTTI, 2006). Daí, quem sabe (?), o esforço em manter a cegueira, pois, senão, nos comprometemos. *Narciso acha feio o que não é espelho*<sup>5</sup>?

Em um novo ensaio epistemológico, estético/ético, afetivo a formação envolve necessariamente a relação com a cidade. Coloca-a como tributária de uma arte de viver com as diferenças (BAUMAN, 2009) em que estrangeiros (num sentido largo do termo) são desafiados a convivências mesmo quando a contragosto. Esse exercício,

2 RAMIL, Vitor. A estética do frio. Conferência. Disponível em: <[http://www.vitorramil.com.br/textos/Vitor\\_Ramil\\_-\\_A\\_Estetica\\_do\\_Frio.pdf](http://www.vitorramil.com.br/textos/Vitor_Ramil_-_A_Estetica_do_Frio.pdf)> Acesso em: mar. 2019.

3 ADICHIE, Chimamanda. O perigo de uma história única. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EC-bh1YARsc>> Acesso em: 25 de abr. 2019.

4 Referência a obra de José Saramago Ensaio sobre a cegueira.

5 VELOSO, Caetano. Sampa. Álbum Muito Mais, 2006.

1 FAPERGS grupo/RECIDADE vinculado a Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil; sob orientação de Vania Alves Martins Chaigar, professora associada da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, e-mail [vchaigar@gmail.com](mailto:vchaigar@gmail.com).

no entanto, sofreu forte abalo à medida que a solidariedade foi sendo substituída pela competição (idem), gerando o medo e as conseqüentes apartações. O arquiteto norte americano Steven Flusty (citado pelo sociólogo polonês) denominou esse medo de *mixofobia* - o medo de misturar-se - que é o oposto da *mixofilia*, isto é “um desejo de misturar-se com as diferenças” (BAUMAN, 2009, p. 86). Parece ser um bom resumo sobre sentimentos em relação à cidade contemporânea e as secessões que temos.

Segundo Zygmund Bauman, historicamente, a cidade carrega a diversidade como uma marca. Na obra *Cidade, confiança e medo* a considerou (sobretudo as de maior porte) como imã a atrair pessoas com suas luzes, movimentação e promessas. Embora a cidade tenha ganhado a pecha de perigosa e muros físicos e simbólicos estejam a envolvê-la, seus espaços públicos ainda nos levam a surpresa das esquinas, de encontros, desencontros, do olho no olho, da possibilidade de, ao acaso e na distração, sermos pegos pelo ato de nos deixar envolver, mesmo que na brevidade do instante. *O acaso vai me proteger enquanto eu andar distraído*<sup>6</sup>, cantaram os Titãs!

A cidade nos exige certa distração para poder ver melhor – reparar -, ao mesmo tempo em que nos apresenta a possibilidade da co-existência, cuja falta é problematizada, por exemplo, por falas nos muros da cidade que, por vezes, são incompreensíveis aos que foram territorializados por lógicas desencadeadas pelo individualismo e pela competição. Para esses ouvidos não se faz necessário falar (muito menos gritar), pois a conveniência é que dita a qualidade da escuta. Já a narrativa do muro, como a expressa pelo pixo<sup>7</sup>, requer outra territorialização, como a promovida pelo coletivo e pela solidariedade (SANTOS, 2005); auscultar o outro exige exercícios de alteridade, de estéticas/éticas permeadas de sensibilidade e abandonos a padronizações, posto que:

Há crianças e jovens e adultos e velhos; há bebês (e aqueles que ainda nem nasceram) e os animais não humanos e as árvores e os musgos e águas e pedras... Tudo e todos (inter)dependentes de ações no macro, mas, também, daquelas que ocorrem no micro espaço nos quais eu e você vivemos e influenciamos (CHAIGAR, 2018, p. 103).

Essa possibilidade de influenciar ocorre no lugar, nesse *quadro de vida* (SANTOS, 2005), na vida cotidiana, de maneira especial no solo da cidade, justamente pelo entendimento do território usado (SANTOS, 2005), ou seja, o que propicia a resistência a modos verticalizados de produção, comunicação e circulação (que o autor denomina de globalitarismo). Esse juízo tem estado na base de projetos formativos alicerçados na/com a cidade. É aí que a vida acontece, encontros podem ser promovidos, conflitos ganham a corporeidade das ruas, jovens reivindicam suas porções merecidas, crianças constituem infâncias mesmo quando não reconhecidas, velhos requerem ‘novos’ pleitos. Por entre enormes contradições, entretanto, um tipo diferente de cultura é produzida no chão da cidade e é bom lembrar-se do geógrafo Milton Santos ao sustentar que

Gente junta cria cultura e, paralelamente, cria uma economia territorializada, uma cultura territorializada, um discurso territorializado, uma política territorializada. Essa cultura da vizinhança valoriza, ao mesmo tempo, a experiência da escassez e a experiência da convivência e da solidariedade [...] gerada de dentro, essa cultura endógena impõe-se como um alimento da política dos pobres [...] (SANTOS, 2001, n).

Esse alimento da política dos pobres gerada pela experiência seja da falta ou da convivência e solidariedade ocorre em um determinado espaço. Bauman (2009, p. 51) ratificaria que “não se pode pretender partilhar uma experiência sem compartilhar

um espaço”. Concordamos que esse é um princípio importante quando se pensa a formação na/com a cidade: amalgamar experiência e espaço, conhecimento e território.

Desterritorializar a formação, tirá-la dos espaços restritos às paredes e aos muros universitários; reterritorializar a experiência e aproximar jovens de epistemologias plurais contidas na cidade além de porções de si mesmos, espalhados pelas ruas e em faces de cidadãos. Daí as propostas de investigações na/com a cidade como a que foi desenvolvida por jovens licenciandos na disciplina de didática. Como parte das atividades do semestre incentivamos os estudantes a descobrirem diferentes significados para ensinar e aprender a partir de pequenas investigações junto a grupos sociais em diferentes espaços da cidade (institucionalizados ou não). O tema geral foi *ensinar e aprender história - no território da cidade*<sup>8</sup> e teve como objetivos principais: *Identificar, analisar e compreender espaços e tempos na cidade em que se ensina e se aprende história; exercitar a investigação como suporte de aprendizagens significativas na relação com cidadãos.*

Para o exercício algumas leituras foram sugeridas como parte do referencial teórico, bem como discutimos metodologias e traçamos um cronograma básico a ser desenvolvido, tendo por produção final um artefato que poderia vir a se constituir em um audiovisual, por exemplo. Entre os temas escolhidos estiveram questões relacionadas a etnias, racismo, pré-universitários populares, religiosidades na escola, culturas presentes em casas de estudantes da FURG e espaços de resistências de jovens na cidade.

Para além do resultado pragmático que sempre extrapola as intencionalidades do professor, tendo em vista que os estudantes são pessoas de carne e osso, têm suas próprias expectativas e interesses, temporalidades distintas, o que deriva em um outro trabalho invariavelmente, destacamos neste artigo a vivência desenvolvida pelo grupo de estudantes que *arremangou* suas mangas e foi à luta em busca de sinais de resistências de jovens na relação com a cidade, especialmente as amalgamadas pela cultura do pixo.

A riqueza desse processo somente pode ser analisada pelos jovens que se dispuseram à empreitada. Ratificamos, no entanto, que observamos o conceito de protagonismo como movimento e processo, indo ao encontro de reflexões como a de Sandra Jovchelovitch (2018, p.321) para quem protagonismo não é um preparo que vai acontecer em um depois, mas “num processo de inter-relação, em que a experiência vivida constrói o protagonismo”. Talvez tenhamos aí uma experiência vivida que, na sequência, passa a ser narrada pelos jovens protagonistas que a experienciaram.

### ***Não é só um rabisco, é muita história de vida. É uma história de exclusão do espaço público!***

No âmbito acadêmico, a discussão acerca das manifestações artísticas marginais, como as pixações e os grafites são invisibilizadas tanto como expressão artística quanto uma expressão política e social. As instituições educacionais se fecham para o debate, uma vez que, no âmbito legal, a prática é considerada como crime ambiental. O que gira em torno da pixação e a negação da sua importância social é, muitas vezes, a luta entre desejos particulares existentes em uma sociedade extremamente desigual, que acaba perpetuando os conflitos e tornando cada vez mais difícil o diálogo entre as partes, potencializados pelos muros simbólicos e físicos construídos historicamente.

Arte de rua é uma forma expressiva de indignação social diante de uma forte desigualdade presente na história do mundo. Desta maneira, buscar entender o que motiva a arte

6 BRITTO, Sérgio. Epitáfio. In: Titãs. Álbum MTV ao vivo, 2005.

7 Ao longo do texto sempre vamos referenciar a categoria Pixo com x, já que dentro da cena da cultura marginal há uma diferenciação entre Pixo e Picho. O primeiro abarca as tags, isto é, as assinaturas dos pixadores e pixadoras, categoria que vamos trabalhar no presente trabalho.

8 Projeto de ensino. Arquivos pessoais da professora (Licenciatura em História, 2018).

marginal na cidade é buscar entender, também, a construção de uma perspectiva a partir do ponto de vista dos vencedores e por uma classe social dominante. A quem pertence a cidade? O que os muros simbólicos e físicos representam? Que outras histórias são ocultadas?

Com a finalidade de desmistificar o estigma social em cima do movimento urbano marginal, bem como uma ânsia de questionar o controle sobre as vozes, expressões artísticas e outros modos de fazer política de grupos historicamente marginalizados, pretendemos instigar o pensamento crítico e novas percepções sobre o ser social, o ser político e epistemologias de resistência na/da cidade.

A imersão do trabalho nas invisibilidades e resistências da cena do pixo na cidade do Rio Grande, RS, surgiu através de uma proposta de investigação em espaços de educação formais, não formais ou informais na cidade, dentro da disciplina de Didática no curso de história licenciatura. A ideia inicial tomou uma nova dimensão e a proposta do trabalho – em processo inicial – é a realização de um documentário sobre a cena urbana marginal no Rio Grande, a partir de entrevistas com homens e mulheres que deram início à cena e também com aqueles e aquelas que continuam se expressando. A partir dos sujeitos sociais envolvidos organicamente no processo, se busca entender como e quando se iniciaram essas manifestações na cidade e o porquê do pixo e do grafite serem entendidos como uma forma de expressão das juventudes marginalizadas e silenciadas.

O interesse em trabalhar com as manifestações urbanas parte do entendimento que a cidade atual reproduz as relações sociais do modo de produção econômico e político, onde se acentuam opressões e exclusões de determinados grupos e classes, em detrimento de alguns poucos. Nesse sentido:

A cidade não é apenas a organização funcional do espaço, suas ruas e edificações, seus bairros, pessoas carregando sonhos, isoladas na multidão, em um deserto de prédios, que aboliu o horizonte e apagou as estrelas. A cidade é a expressão das relações sociais de produção capitalista, sua materialização política e espacial que está na base da produção e reprodução do capital (IASI, 2013, p.41).

Essa cidade voltada aos interesses do capital acaba potencializando as contradições e antagonismos no espaço urbano, sendo que as explosões cotidianas das contradições urbanas “surgem como grafites que insistem em pintar de cores e beleza a cidade cinza e feita. Estão lá, pulsando, nas veias que correm sob a pele urbana” (IASI, 2013, p.41).

No entanto, essas contradições não são acompanhadas de forma passiva, muito pelo contrário; homens e mulheres diariamente resistem, lutam e gritam contra o sistema capitalista e suas instituições retrógradas.

Aliás o silêncio realmente tem sido imposto às classes populares, mas elas não têm ficado silenciosas. A história oficial é que destaca esse silêncio sob a forma de docilidade, mas os movimentos de rebeldia, que constituem a história escondida nesse país, têm sido agora revelados por historiadores com sensibilidade em relação às massas populares. Insisto, assim que é preciso aprender com o povo a gritar e introduzir essa forma de gritar na educação sistemática. De qualquer forma, o ser humano sempre grita primeiro para depois falar. A gente nasce gritando (GADOTTI, 1986, p.120).

No que concerne a metodologia e teoria para efetivação do objetivo principal que é demonstrar a resistência desse grupo marginalizado, utilizaremos a História Oral. A História Oral carrega em sua essência novas perspectivas sobre eventos já conhecidos, na qual mais do que trazer à tona informações de valor factual, esta se caracteriza por dar espaço a grupos não hegemônicos exporem seus pontos de vista e significados cotidianos sobre a história. Assim, a História Oral emerge como um relevante instrumento para ‘dar voz’ (ou, talvez, escutar suas vozes) aos protagonistas

de manifestações urbanas aqui, representados por pixadores e pixadoras, a seus discursos retratando as relações existentes no ambiente urbano em que eles/elas se encontram inseridas. Ou seja, a História Oral não se reduz a uma metodologia, sendo entendida como a conjugação entre metodologia e teoria, isto é, entre prática e reflexão (FERREIRA; AMADO, 2006, p. 12).

Na obra denominada Cotidiano e Cultura: História, Cidade e Trabalho (2002), a historiadora Maria Isilda Santos de Matos traz à tona uma nova perspectiva histórica na qual o cotidiano, representado pela intersecção entre esfera pública - privada, pela politização do dia-a-dia, e da expansão da noção dos saberes, discursos e poderes, destaca-se como um problema de pesquisa. A partir das contradições entre o espaço subjetivo e objetivo da sociabilidade urbana, a autora propõe uma investigação histórica na qual a construção de identidades e as relações sociais trazem à tona a História do Cotidiano, possibilitando a evocação de grupos não hegemônicos. Segundo Matos:

O personagem histórico universal cede lugar a uma pluralidade de protagonistas, e o método único e racional do conhecimento histórico foi substituído pela multiplicidade de histórias [...] Essa produção tem revelado os limites da utilização de certas categorias descontextualizadas, sinalizando a necessidade de estudos específicos que evitem tendências a generalizações e premissas preestabelecidas, bem como observem a heterogeneidade das experiências incorporando toda a complexidade do processo histórico, o que implica aceitar as mudanças e as descontinuidades históricas (MATOS, 2002, p. 28).

Longe de reduzir a história a processos individuais e subjetivos, defendemos como em seus escritos a História do Cotidiano pautada sobre relações sociais na qual se encontram a primazia de abordagens analíticas sobre a descritiva. Desse modo, o olhar dado às ações, à identidade, e à resistência do grupo analisado insere-se dentro de um contexto histórico-urbano. E como isso pode ser ferramenta na pesquisa com jovens do pixo?

### Uma perspectiva de rebeldia das juventudes na cidade do Rio Grande, RS

Diferentemente de outras cidades, principalmente capitais como São Paulo e Porto Alegre, a cena da pixação em Rio Grande não conta com uma cena orgânica e organizada em redes e coletivos. Acaba sendo, dessa forma, expressões mais individuais de pixadores e pixadoras; alguns identificados com os bairros da cidade e outros vindos da cena da cultura marginal de outras cidades do país.

Nessa pesquisa, em específico, foi feita uma conexão com três pixadores, que serão identificados na pesquisa por suas tags<sup>9</sup>: Pixa V.M, Pixo Art Vírus e Casca. O primeiro é natural do Rio Grande e leva as iniciais do bairro em que mora, Vila Maria, aos muros da cidade. Já os outros dois sujeitos são naturais da mega capital São Paulo e tiveram a “formação” na cena da cultura marginal na cidade que é referência quanto à organização e atuação dos pixadores e pixadoras.

Dito isso, buscamos entender qual a relação destes jovens com a cidade e com a pixação e, com isso, apreender os espaços-tempos na/da cidade que potencializam vivências na perspectiva de paradigmas emancipatórios e de resistência. Por ser uma pesquisa inicial intencionamos, neste artigo, fazer um recorte central das entrevistas. Para tal, optamos por uma síntese organizada em quadros com as principais categorias presentes nas entrevistas e as ideias centrais dos sujeitos sobre elas.

<sup>9</sup> Tag pode ser um símbolo ou uma composição estética que serve como uma marca para o pixador, para se identificar. Geralmente na sua construção, no seu processo criativo, pensada para ser executada de forma rápida e repetidamente, por ser uma ação sem autorização.

Categorias	Sujeito: Pixa V.M
Cidade	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Os espaços públicos são geralmente negados, principalmente para a periferia.</li> <li>2. Dessa forma, os espaços públicos e privados são usados para denunciar o que não é de encontro a nossa classe (trabalhadora).</li> </ol>
Juventudes	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. A pixação tem muito haver com a juventude pobre, com a juventude negra.</li> <li>2. Esses meios de expressão, marginal, são fundamentais nos processos históricos e sociais do Brasil. Se não fosse essas expressões o país seria muito mais violento.</li> <li>3. Por mais que queiram criminalizar a juventude periférica, a parada vai seguir acontecendo e cada vez vai ganhar mais força</li> </ol>
Pixação	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. É algo subjetivo, tem pessoas que preferem a estética do grafite. No entanto, o pixo tem mais sentido para mim, pela expressão mais direta, sem permissão.</li> <li>2. Arte é o sujeito que está se expressando, colocando seus anseios e ocupando os espaços historicamente negados.</li> </ol>

Categorias	Sujeito: Pixa Art Vírus
Cidade	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Por trás de toda tag e de todo pixo tem muita história, para além de rabisco nos muros, são histórias de vida.</li> <li>2. É uma história de exclusão do espaço público e privados para quem mora na periferia, na quebrada.</li> </ol>
Juventudes	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Juventudes e cultura marginal estão relacionados.</li> <li>2. A juventude nunca é consultada sobre educação, saúde, segurança. Imagina colocá-la como agente impulsionante de mudanças sociais.</li> <li>3. Dessa forma, a juventude periférica se expressa da forma que dá e uma das principais maneiras é através da cultura marginal, como uma ferramenta contra hegemônica.</li> </ol>
Pixação	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. A estética marginal sempre esteve presente na minha vida, desde o bairro que eu morava até as relações que foram sendo construídas na minha vida.</li> <li>2. Diferentemente do que muito se fala e pensa, a estética do Pixa tem toda uma construção, um processo criativo, que envolve treinamento de caligrafia e de observação de outros trabalhos.</li> </ol>

Categorias	Sujeito: Casca
Cidade	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. O vandalismo em geral, entre elas a pixação, vem para questionar o que é público e o que é privado.</li> <li>2. Dessa forma, a ocupação desses espaços na cidade vem para visibilizar, mostrar que a gente existe, que a gente quer expressar a nossa arte.</li> <li>3. Com ou sem autorização, a rua é pública. E o muro, voltado para ela, acaba sendo público também.</li> </ol>
Pixação	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. A pixação tem o intuito de agredir, de visibilizar.</li> <li>2. Na nossa sociedade a pixação é apresentada como algo sujo, relacionado à sujeira. Mas assim como qualquer tipo de valor essa estética - que é aceita e considerada bonita - também é suportada pela juventude periférica.</li> <li>3. A arte é livre e a estética do pixo busca comprovar isso, de não seguir um padrão, de se expressar.</li> </ol>

A partir das entrevistas notamos que os pixadores não são meramente jovens rebeldes (na acepção pejorativa que muitos atribuem ao termo), mas, sim, sujeitos questionadores que buscam a transformação social via transgressão: ocupando espaços que lhes foram negados historicamente, denunciando uma realidade excludente e opressora, batendo de frente com a segregação potencializada pelas florestas de muros da cidade e ignorando a higienização das paredes brancas. Dessa forma opõem-se com suas mensagens ao sistema vigente.

As margens representam as camadas populares que se fazem presente na cidade, que existem, por mais que a própria cidade não perceba ou não queria perceber, ela está lá, segurando, suportando a cidade (retornemos a analogia que Eggert faz do serviço da casa!), e quando essa margem se descobre margem, e vem se movimentando, pressiona o centro, com uma força imensurável, e que provoca o mal-estar. Essa força que pressiona o centro e que indaga a estrutura acerca do por que ela o fez refaz margem, e compreendendo sua marginalização, se invoca e se coloca no mundo com rebeldia. Rebeldia colocada aqui como uma categoria que *precisa ser educada para que tome, portanto, dimensões transformadoras, revolucionárias e não tenha um fim em si mesma* (FERREIRA, 2018, p. 08).

O pixador é uma forma de manifestação das juventudes, em busca de subverter o que está posto e reagir ao *modus operandi*, que não se acomodam em seus casulos individuais perante a história de exclusão da classe subalterna; ao contrário, encharcam de resistência e luta os muros e as paredes das cidades.

#### Referências Bibliográficas

- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). Usos e abusos da história oral. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- CHAIGAR, Vânia Alves Martins. *A propósito de alimentar infâncias...* A formação em diálogo com a cidade. Educação em Foco. Juiz de Fora, MG, v. 23, n. 3, p. 97-120, set.-dez. 2018.
- FERREIRA, Samuel Crissandro Tavares. *Espaço do Ser Mais versus espaço do Ser Menos: Constatação do que não queremos para conseguirmos o que queremos*. RELACult. V. 04, edição especial, n. 1024, p. 1-13, nov., 2018.
- GADOTTI, Moacir. *A escola na cidade que educa*. Cadernos Cenpec, Nova Série, v. 1, n. 1, p. 133-139, maio, 2006. Disponível em: <<http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/160/189>> Acesso em: 22 abr. 2019.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia: diálogo e conflito*. 3.ed. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1989.
- IASI, Mauro Luis. A Rebelião, a Cidade e a Consciência. In: MARICATO, Ermínia et al. *Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. *O diálogo entre margens*. Uma entrevista com Sandra Jovchelovitch. Entrevistadora: Mirela Figueiredo Iriart. Revista PerCursos. Florianópolis, v. 19, n.41, p. 308-323, set. dez. 2018.
- QUIJANO, Anibal. *Colonialidade do poder e classificação social*. In: SOUSA SANTOS, Boaventura de; MENESES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra, Portugal: CES, 2009, p. 73-117.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho*. São Paulo: EDUSC, 2002.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. Fórum Social Mundial – Um outro mundo é possível. Conferência. Porto Alegre, 2001. Disponível em: <[http://www.forumsocialmundial.org.br/main.php?id\\_menu=14\\_1\\_2\\_4&cd\\_language=1](http://www.forumsocialmundial.org.br/main.php?id_menu=14_1_2_4&cd_language=1)> Acesso: 25/3/2015.

SANTOS, Milton. *O retorno do território*. In: OSAL: Observatório Social da América Latina. Ano VII, n.16, p. 255-261, fev.- abr. 2005. Buenos Aires, AR: CLACSO, 2005. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf> Acesso em: 10/3/2019.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. *Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. Campinas, SP: Cortez, 1996.